



Estudos Teológicos foi licenciado com uma Licença Creative Commons –
Atribuição – NãoComercial – SemDerivados 3.0 Não Adaptada

COMPAIXÃO, INDIGNAÇÃO ÉTICA E RESPONSABILIDADE SOCIAL: INTERPRETAÇÃO DE Mc 6.34¹

*Compassion, indignation ethics and social responsibility:
interpretation of Mk 6.34*

João Luiz Correia Júnior²
Ivoni Richter Reimer³

Resumo: Em Marcos 6.34 há uma profunda incursão do narrador nos sentimentos e na mente do personagem Jesus, interpelado diante do que vê: a “grande multidão”. Essa constituiu, na maioria, as vítimas do sistema excludente do Império Romano na Palestina do século I. Com base na análise exegético-literária de Mc 6.34, pode-se inferir que a instauração do reinado de Deus se dá quando a fé se expressa objetivamente em ação; do ponto de vista hermenêutico, pode-se afirmar que, desde o cristianismo das origens, a prática social cristã espelha-se na ação de Jesus voltada para a promoção da vida comunitária, com o objetivo de satisfazer as necessidades primárias e fundamentais do ser humano. A análise evidencia que princípios religiosos podem e devem levar à compaixão, à indignação, à responsabilidade social e à práxis transformadora.

Palavras-chave: Hermenêutica bíblica. Movimento de Jesus. Evangelho de Marcos. Ética cristã.

Abstract: In Mark 6,34, there is a deep incursion of the narrator into the feelings and mind of Jesus, concerned by what he sees: the “great crowd”. This was mostly made up by victims of the exclusionary system of the Roman Empire of the first century in Palestine. Based on the literary-exegetical analysis of Mk 6,34, we may infer that the establishing of God’s reign happens when faith is expressed objectively in action. From

¹ O artigo foi recebido em 11 de setembro de 2012 e aprovado em 04 de março de 2013 com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*. Este texto é um recorte da pesquisa que está sendo desenvolvida no estágio pós-doutoral realizado por João Luiz Correia Júnior no período de 2011/2012 no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da PUC Goiás, sob a tutoria da professora Dra. Ivoni Richter Reimer, proporcionado pelo Programa Nacional de Cooperação Acadêmica – PROCAD NF 2009.

² Mestre e doutor em Teologia, professor titular e pesquisador da Universidade Católica de Pernambuco, em Recife, Pernambuco, Brasil. Pós-doutorando em Ciências da Religião na PUC Goiás, em Goiânia/GO, Brasil. Assessor do CEBI-PE. Contato: jota@unicap.br

³ Doutora em Filosofia/Teologia, pós-doutora em Ciências Humanas, professora na PUC Goiás, em Goiânia/GO, Brasil; bolsista produtividade CNPq, pastora luterana (IECLB), assessora de SAB/Paulinas e de CEBI. Contato: ivonirr@gmail.com

the hermeneutic point of view, it can be stated that, since the origins of Christianity, the Christian social practice reflects the action of Jesus, which was directed to the promotion of community life, in order to meet the primary and fundamental needs of human beings. The analysis shows that religious principles can and should lead to compassion, indignation, social responsibility and transforming praxis.

Keywords: Biblical hermeneutics. Jesus movement. Gospel of Mark. Christian ethics.

Introdução

Marcos 6.34 é um versículo revelador. Pode ser compreendido como um excelente resumo daquilo que o Evangelho de Marcos interpreta como sendo as motivações mais profundas que levaram Jesus a exercer seu ministério itinerante em prol da “grande multidão” na Palestina da primeira metade do século I, sob o domínio do Império Romano.

Apresentamos abaixo como esse versículo está construído em sua estrutura literária interna, a partir da The Greek New Testament⁴, da Bíblia Interlinear⁵ e da Bíblia de Jerusalém⁶:

Subdivisão de Mc 6.34	The Greek New Testament Bíblia Interlinear	Tradução Bíblia de Jerusalém
OBJETIVIDADE A. O QUE JESUS VÊ OBJETIVAMENTE: A “GRANDE MULTIDÃO” 6.34 a	και εξελθων E saindo [do barco]	Assim que ele desembarcou,
Imediatamente	ειδεν πολυν οχλον viu grande multidão,	
Vê a realidade		Viuum agr andem ultidão

⁴ ALAND, Kurt et al. (Eds.). *The Greek New Testament*. 30. ed. Stuttgart: United Bible Societies, 1990.
⁵ NOVO TESTAMENTO INTERLINEAR GRECO PORTUGUÊS. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2004.
⁶ BÍBLIA DE JERUSALÉM – Nova edição revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002. Seguimos, neste trabalho, o texto dessa Bíblia, por se tratar de uma conceituada tradução.

<p>SUBJETIVIDADE B. REPERCUSSÕES SUBJETIVAS DO QUE JESUS VÊ 6.34 b</p> <p>(Compaixão)</p> <p>(Indignação ética)</p>	<p>και εσπλαγχνισθη επ αυτους e compadeceu-se de eles,</p> <p>οτι ησαν ως προβατα μη εχοντα ποιμενα porque eram como ovelhas não tendo pastor.</p>	<p>e ficou tomado de compaixão por eles,</p> <p>pois estavam como ovelhas sem pastor.</p>
<p>OBJETIVIDADE A'. A MISSÃO OBJETIVA DE JESUS JUNTO À “GRANDE MULTIDÃO” 6.34 c</p> <p>Ação imediata</p>	<p>και ηρξατο διδασκειν αυτους πολλα E começou a ensinar a eles muitas coisas.</p>	<p>E começou a ensinar-lhes muitas coisas.</p>

Temos aqui uma estrutura concêntrica, numa relação interessante entre objetividade⁷ e subjetividade⁸. O mestre Jesus, provocado pelo que vê objetivamente da situação em que se encontra a “grande multidão” (A), assume a missão de cuidar desse povo, por meio daquilo que sabe fazer objetivamente: ensinar (A’). A partir disso, ele age motivado pelas repercussões subjetivas que tal situação provoca em seu corpo (compaixão) e em sua mente (indignação ética), “porque estavam como ovelhas sem pastor” (B).

Esse versículo faz parte da primeira narrativa de partilha dos alimentos que encontramos em Marcos (6.30-44). Contextualizando, na sequência literária de Marcos, após a retrospectiva acerca do fim violento de João Batista, cuja cabeça foi oferecida a Herodes num banquete macabro (6.14-29), provavelmente para ressaltar o contexto perigoso para quem exerce algum tipo de poder junto ao povo, o texto marcano retoma o fio da narração relatando a volta dos discípulos (6.30). Eles foram ungidos e enviados em missão para, com poder sobre o mal, pregar a conversão e praticar a ex-

⁷ “Objetividade” é o caráter do objeto que é visto como é, em sua realidade substancial, objetiva. Ver ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. Tradução Alfredo Bosi. São Paulo: Mestre Jou, 1970. p. 691.

⁸ “Subjetividade” é o caráter de todos os fenômenos psíquicos, enquanto fenômenos de consciência, tais que o sujeito os refere a si mesmo e os chama “meus”. ABBAGNANO, 1970, p. 888.

pulsão de demônios e a cura de enfermidades (6.7-13).⁹ É a primeira vez na trama do Evangelho de Marcos que o discipulado assume o múnus apostólico, como num primeiro ensaio. Essa missão (apostólica), provavelmente inspirada na prática de Jesus, é retomada pelos enviados da comunidade cristã, como Paulo e Barnabé, enviados pela comunidade de Antioquia (em At 13.1-3).

Tal missão apostólica surge numa sequência narrativa muito interessante do Evangelho de Marcos, para evidenciar a urgente necessidade de discípulos e discípulas assumirem a missão de Jesus como sendo também a sua. É isso que transparece na narrativa da multiplicação dos pães e dos peixes, quando discípulos esboçam o desejo de se desvincilhar do compromisso com relação à “grande multidão”.

Ao retornarem da missão, Jesus convida seus discípulos para descansar um pouco “em um lugar deserto”, porque “os que chegavam e partiam eram tantos que não tinham tempo nem de comer” (6.31). Assim, “foram de barco a um lugar deserto, afastado. Muitos, porém, os viram partir e, sabendo disso, de todas as cidades, correram para lá a pé, e chegaram antes deles” (6.36).

As fortes pinceladas narratológico-artísticas dessa introdução preparam o ambiente para o relato que culmina na partilha dos alimentos (6.35-44): um número crescente de pessoas – de repente – se aglomera num “lugar deserto”... Ficam escutando os ensinamentos de Jesus sem se preocupar com a hora. Diante de tal situação, os discipulados propõem que Jesus despeça a multidão. Ele, porém, reage veementemente, propondo de forma imperativa: “Dai-lhes vós mesmos de comer”.

No discipulado, portanto, é imperativo seguir a linha da compaixão solidária, tal qual o exemplo de Jesus, que se inspira na tradição das Sagradas Escrituras. Vejamos: a compaixão de Jesus lembra Êx 3.7-8, onde o próprio Deus não se omitiu diante do sofrimento das vítimas do sistema de dominação egípcio: (A) “Deus viu a miséria do povo [...] Ouviu o seu clamor [...] Conhece as suas angústias [...] (B) Desceu para libertá-lo [...] (A’) E fazê-lo subir para uma terra sem males (por meio da ação de Moisés)”. É relevante perceber, na narrativa de Êx 3.7-8, que o próprio Deus explica o motivo de sua intervenção na história. A expressão “Iahweh disse” objetiva destacar que sua motivação foi provocada pela situação de miséria do povo escravizado, pelo clamor que se fez ouvir em decorrência dos sofrimentos e pelas angústias do povo por causa dessa opressão.

De acordo com a narrativa de Marcos, Jesus é movido pelo mesmo sentimento misericordioso do Deus de Israel, que se compadeceu com a dura opressão a que estava submetido o povo hebreu nos idos tempos no Egito do século XIII a.C. e que optou em favor dos que sofriam na pele as agruras da injustiça social. No tempo de Jesus, ele quer que seus discípulos não se omitam e se movam solidariamente na direção das vítimas do sistema opressor da atualidade, no caso o Império Romano do século I d.C.

⁹ A respeito de curas e exorcismos, veja RICHTER REIMER, Ivoni. *Milagre das Mãos: curas e exorcismos de Jesus em seu contexto histórico-cultural*. São Leopoldo: Oikos; Goiânia: UCG, 2008.

Tendo observado essas semelhanças intrínsecas acerca do sentir e agir de Deus e de Jesus, propomos analisar cada uma das três partes de Mc 6.34, segundo o esquema acima, tecendo observações e comentários pertinentes em perspectiva hermenêutica.

O que Jesus vê objetivamente: a “grande multidão”

“Assim que ele desembarcou, viu uma grande multidão” (Mc 6.34a). Nessa frase evidencia-se o aspecto imediato da percepção de Jesus, que viu a multidão assim que desembarcou. Por isso, já de maneira interpretativa, a Bíblia de Jerusalém traduz: “Assim que ele desembarcou, viu [...]”.

Embora não apareça aqui o advérbio “logo” (em grego *euthys*), muito comum em diversas passagens de Marcos (veja 1.12,18,20,23,28,30), torna-se evidente que o autor quer sensibilizar os leitores pela urgência do tempo. Tudo acontece sem demora. É como se a Boa-Nova de Jesus realmente acontecesse de repente, como uma irrupção repentina da salvação. Para expressar isso, a narrativa é permeada pela instantaneidade dos acontecimentos.¹⁰

Além dessa “premência” do tempo, em Marcos também percebemos o poder dinâmico (*dynamis*) de Jesus em atrair as pessoas que precisavam de ajuda. A multidão faz-se presente na missão de Jesus para aprender com ele e com ele vivenciar sinais de misericórdia. Em outras palavras:

Não é necessário analisar em detalhes todas as narrativas de diferentes fontes que mencionam uma multidão em torno de Jesus. Um exemplo claro bastará. Que a presença das multidões em certas histórias remonta a tradições pré-evangélicas é óbvio, em vista de algum material que Marcos e João têm em comum, notadamente a história da alimentação dos cinco mil. A substância dessa história pede a presença de um grupo numeroso, e, de fato, tanto Marcos como João, independentemente um do outro, falam da(s) “multidão(ões)” que seguiam Jesus antes do episódio.¹¹

O inusitado nessa passagem de Marcos é que há uma menção explícita ao fato de que Jesus se sente tocado pelo que vê: Jesus “viu” uma grande multidão. Esse “ver profundamente” também está presente no discipulado das mulheres nos eventos da cruz e da ressurreição de Jesus.¹² Para Marcos existe uma distinção entre “ver” e “olhar”. Na narrativa de cura da mulher com fluxo de sangue, lemos: “ele olhava em volta (*perieblépeto*) para ver (*idein*) quem fizera aquilo” (Mc 5.32). Ver, portanto, é algo bem mais profundo do que simplesmente olhar... Por isso podemos afirmar que

¹⁰ MARGUERAT, Daniel; BOURQUIN, Yvan. *Para ler as narrativas bíblicas*: iniciação à análise narrativa. São Paulo: Loyola, 2009. p. 100-101.

¹¹ MEIER, John P. *Um judeu marginal*: repensando o Jesus Histórico. Tradução Laura Rumchinsky. Rio de Janeiro: Imago, 2003. v. 3, livro 1, p. 35. O mesmo autor, na p. 36, afirma que “existe base suficiente para assegurar que Jesus normalmente atraía as multidões”.

¹² Elenco de passagens e interpretação, ver RICHTER REIMER, Ivoni. *Compaixão, cruz e esperança*: Teologia de Marcos. São Paulo: Paulinas, 2012.

Jesus não enxergou somente a grande multidão, mas “viu profundamente” a situação de sofrimento daquela gente. Esse “ver em profundidade” remete à subjetividade de Jesus, na medida em que causou repercussão em seu interior, ao ponto de movê-lo à ação solidária. Essa repercussão em seu interior é descrita com o termo grego *splanchnízomai*, “revolver as entranhas”, “sentir misericórdia”.

Vejamos, com maior vagar, em que consistia essa “multidão” que causou esse profundo sentimento em Jesus, de acordo com as características apresentadas em Mc 6.34: a) trata-se de um número elevado de pessoas: o narrador utiliza o adjetivo *polys* “grande”; b) essa “multidão” encontra-se à espera de Jesus; c) ela exerce alguma forma de poder sobre Jesus, no sentido de suscitar nele compaixão e indignação, levando-o a agir solidariamente, como analisaremos adiante.

Apesar de o texto referir que a multidão é “grande”, não sabemos exatamente em que consistia essa quantidade. Podemos, contudo, aferir informações a partir de outras passagens desse evangelho:

Ao longo do texto de Marcos, alguns indivíduos emergem do anonimato para interagir com Jesus e ganhar alguma personalidade ao nível da narrativa. Nisso percebe-se que tais pessoas não eram somente pessoas pobres em perspectiva econômica. Mencionamos, aqui, alguns exemplos: Jesus manteve contato com Levi (um coletor de impostos em Cafarnaum: Mc 2.13-15), com uma mulher hemorrágica (que já possuía alguns bens, mas que havia gastado tudo com “muitos médicos”: Mc 5.25-34), com uma mulher que, em Betânia, trouxe um frasco de alabastro cheio de perfume de nardo puro, cujo valor equivaleria aproximadamente ao salário de um ano de um trabalhador diarista, “mais de trezentos denários”, para derramá-lo sobre a cabeça de Jesus (Mc 14.3-9 par.), com pessoas que receberam Jesus e seus discípulos em comensais, durante o ministério público, tais como Levi, o coletor de impostos (Mc 2.15 par.) e com o anônimo dono de uma casa em Jerusalém que hospedou Jesus e seus discípulos para a última ceia (Mc 14.12-26 par.). Várias passagens, portanto, mostram que Jesus tinha contato e interação com pessoas de diversos estratos socioculturais e econômicos, com homens, mulheres e crianças.

Essa relação de Jesus com pessoas que detêm algum tipo de poder econômico, contudo, é mais do que compensada pelas muitas narrativas que o mostram interagindo com pessoas marginalizadas e empobrecidas, o que também é o caso da mulher hemorrágica: leprosos (Mc 1.40-45 par.; Lc 17.11-19), endemoninhados (Mc 5.1-20 par.; 9.14-29 par.), mendigos cegos (Mc 10.46-52 par.; Jo 9.1-4) e muitas outras pessoas pobres, doentes e aflitas, empurradas para as margens da sociedade. De maneira direta e indireta, a missão de Jesus beneficiava as pessoas “pobres”, nos seus vários sentidos nas realidades do contexto da Palestina do século I.¹³

¹³ A esse respeito veja especialmente MEIER, 2003, p. 40-41 e também RICHTER REIMER, Ivoni (Org.). *Economia no Mundo Bíblico: enfoques sociais, históricos e teológicos*. São Leopoldo: Sinodal; CEBI, 2006.

Com isso podemos aferir que a ampla maioria dos que formavam a “grande multidão” era constituída de pessoas empobrecidas pelo sistema, tratando-se, pois, do excedente populacional alijado da produção econômica da Galileia no tempo de Jesus.

Para entender esse contexto econômico excludente de grandes contingentes populacionais, convém lembrar que a economia da Galileia, como da Palestina e dos demais povos mediterrâneos, era preponderantemente agrícola. Com a supremacia do Império Romano na Palestina (67 a.C.), mudanças econômicas foram implementadas na região desde a segunda metade do século I a.C. Grande colaborador desse projeto de dominação do Império na Palestina foi o rei vassalo Herodes, o Grande (37 a.C. - 4 a.C.). Ele assumiu, de certa forma, a sucessão dos regentes helenistas, sendo que, por um lado, recolheu altos tributos e, por outro, confiscou enormes áreas de terra na esteira da eliminação do poder econômico das famílias que faziam parte do estrato superior na sociedade romana tradicional. Independente do fato de ele ter explorado ou não essas áreas como domínios reais ou legado aos seus favorecidos, o solo era, cada vez mais, cultivado por arrendatários, diaristas e escravos. Nesse processo, uma parte considerável da terra passou a ser propriedade de não judeus e simultaneamente aumentava o número de arrendatários judaicos, o que naturalmente fez crescer o potencial de conflito social.¹⁴

Nas relações de força e nos jogos de poderes, cada vez mais pessoas eram forçadas a sobreviver com cada vez menos terra e condições de produção e usufruto do trabalho. Em consequência disso, desfizeram-se as formas tradicionais de assentamento. Embora a área do solo cultivado se ampliasse continuamente, um número crescente de pequenos agricultores cultivava cada vez menos terra, porque aumentavam os latifúndios. Uma das causas da perda de terra e do empobrecimento de grande parte de famílias pequeno-agricultoras eram os confiscos e a carga sufocante de tributos. Endividamento e desapropriação de pequenos agricultores são, pois, uma das características dessa época romana. Pode-se, assim, falar de um processo gradativo e efetivo de pauperização, de descenso de famílias pequeno-agricultoras livres para a condição de famílias arrendatárias, diaristas e até mendigas... Desse modo, por um lado, crescia o número de gente que trabalhava a terra na condição de arrendamento ou de trabalho diário, tendo perdido o *status* da propriedade do solo, enquanto que, por outro lado, a posse da terra ia sendo concentrada nas mãos de pouca gente vinculada principalmente ao governo. Consequentemente, povoados inteiros caíam na dependência de latifundiários, enquanto que, inversamente, poucos pequenos imóveis rurais isolados davam lugar a aglomerações de muitas casas menores.¹⁵

A maioria das pessoas que constituem a “grande multidão” faz parte do estrato inferior da sociedade palestinese. Aqui se encontravam todas as pessoas que não

¹⁴ STEGEMANN, Ekkehard W.; STEGEMANN, Wolfgang. *História social do protocristianismo*: os primórdios no judaísmo e as comunidades de Cristo no mundo mediterrâneo. Tradução Nélcio Schneider. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulus, 2004. p. 134. Veja também REIMER, Haroldo; RICHTER REIMER, Ivoni. *Tempos de graça*. O Jubileu e os jubileares na Bíblia. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulus, 1999.

¹⁵ Veja maiores detalhes e informações em STEGEMANN, E. W.; STEGEMANN, W., 2004, p. 136.

participavam do poder e dos privilégios do estrato dominante e não estavam entre as que lhe prestavam serviço. Eram pessoas que trabalhavam e viviam como agricultores (arrendatários, diaristas ou assalariados) e, na Galileia, eram também pescadores e homens e mulheres artesãos.

A lógica vigente do sistema era acumular as riquezas nas mãos de uma minoria privilegiada também por benesses políticas.

Graças ao controle total da política interna, a aristocracia, aliada a Roma, criou uma economia “extrativa”, isto é, sua intenção consciente era enfraquecer por completo os camponeses, para que os membros da classe governante ficassem com quase toda a riqueza gerada pela região. Eles estabeleciam os altos impostos e pedágios que os camponeses lavradores, pescadores e artesãos deviam pagar. Controlavam os tribunais, onde todas as disputas tinham de ser resolvidas, e também os militares, que faziam cumprir todas essas decisões. Era impossível fazer queixa contra as elites, porque elas regularmente “compravam” a decisão que queriam nos tribunais.¹⁶

Nesse contexto de empobrecimento e de conflitos que envolviam pessoas oriundas do campo e da cidade, não é de estranhar que a presença da “grande multidão” mexa com Jesus de tal forma que as repercussões sejam imediatas em seu corpo (“revirando-lhe as entranhas”, suscitando compaixão) e em sua consciência (percebendo as pessoas como “rebanho sem pastor”). É disso que trataremos no próximo item.

Repercussões subjetivas do que Jesus vê: compaixão e indignação ética

“E ficou tomado de compaixão por eles [elas], pois estavam como ovelhas sem pastor” (6.34b). Somente a observação e a percepção de realidades não mudam essa realidade. Para que a ação do “ver profundamente” faça emergir uma práxis transformadora, perpassada por reflexões e decisões, é necessário que essa realidade repercuta no interior da pessoa. Mc 6.34b alude a esse processo de ver e refletir com a expressão *splanchnízomai*, “revolver entranhas”.

Essa expressão é traduzida por “compaixão”, que é o eixo gerador de toda ação de Jesus junto à “grande multidão” de pessoas excluídas. Não se trata aqui de um mero sentimentalismo estéril, passivo, desprovido de gesto concreto. Pelo contrário: trata-se de um sentimento interior que revolve o mais profundo da consciência diante do sofrimento humano, que leva à ação engajada na transformação da realidade, ao que hoje denominamos de “compromisso político” pertinente ao conceito de cidadania.

Jesus “compadeceu-se”. O verbo grego *splanchnízomai* é derivado do substantivo *spláchnon*, “entranhas”, “vísceras”, “intestinos”, “coração”. Trata-se das

¹⁶ MALONEY, Elliott C. *Mensagem urgente de Jesus para hoje: o Reino de Deus no Evangelho de Marcos*. Tradução Barbara Theoto Lambert. São Paulo: Paulinas, 2008. p. 27.

partes internas do corpo, das quais, na Antiguidade, compreendia-se originar as emoções fortes. O verbo grego, portanto, significa movimento ou impulso que brota das próprias entranhas da pessoa. É por isso que os tradutores precisam lançar mão de expressões como “foi tomado de compaixão” ou “seu coração se comoveu com eles”. Contudo, nem mesmo essas expressões conseguem captar a profunda emoção física e emocional da palavra grega para “compaixão”¹⁷.

Pela análise do termo, podemos compreender que a compaixão de Jesus é um sentimento que mexe com a pessoa até às entranhas: é sentir profundamente a partir de outrem, sofrer com, fazer-se um com o outro de tal modo que a causa do outro seja também a sua própria.

A formação religiosa de Jesus, sem dúvida, deve ter contribuído para que o amor a Deus se expressasse no amor-compaixão-cuidado para com as pessoas que constituíam a maioria da multidão que buscava Jesus, e das quais ele se aproximou solidariamente: leprosos (Mc 1.40-45), endemoninhados (Mc 5.1-20; 9.14-29), mendigos cegos (Mc 10.46-52) e muitas outras pessoas pobres, aflitas e marginalizadas, como mulheres e crianças.

Em sua formação religiosa, na mais genuína tradição do seu povo, Jesus foi sendo instruído na regra de ouro do judaísmo, em que a fé em Deus implica necessariamente o amor ao próximo. E essa dupla dimensão do amor se expressa sobremaneira na preocupação e no cuidado com o pobre e o imigrante, conforme já se esboça como vontade divina em Lv 19.9-10:

Quando vocês fizerem a colheita da lavoura nos seus terrenos, não colham até o limite do campo; não voltem para colher o trigo que ficou para trás, nem as uvas que ficaram no pé; também não recolham as uvas caídas no chão: deixem tudo isso para o pobre e o imigrante. Eu sou Javé, o Deus de vocês.

Na mesma linha, também já se concebe como vontade divina a que se tenha comportamento ético nas relações de trabalho e sensibilidade em defender a causa do pobre em juízo (Lv 19.11-19):

Ninguém de vocês roube, nem use de falsidade, e não engane ninguém do seu povo. Não jurem falsamente pelo meu nome, porque vocês estariam profanando o nome do seu Deus. Eu sou Javé. Não oprima o seu próximo, nem o explore, e que o salário do operário não fique com você até o dia seguinte. Não amaldiçoe o mudo, nem coloque obstáculos diante do cego: tema o seu Deus. Eu sou Javé. Não cometam injustiças no julgamento. Não seja parcial para favorecer o pobre ou para agradar ao rico: julgue com justiça os seus concidadãos. Não espalhe boatos, nem levante falso testemunho contra a vida do seu próximo. Eu sou Javé. Não guarde ódio contra o seu irmão. Repreenda abertamente o seu concidadão, e assim você não carregará o pecado dele. Não seja vingativo, nem guarde rancor contra seus concidadãos. Ame o seu próximo como a si mesmo. Eu sou Javé. Observem meus estatutos.

¹⁷ NOLAN, Albert. *Jesus antes do cristianismo*. São Paulo: Paulinas, 1988. p. 49.

Desse modo, fica claro que a compaixão de Jesus pela “grande multidão” é um sinal evidente de que ele é um fiel praticante da vontade de Deus. Além disso, é também um sintoma de que ele foi “tomado” pelo mesmo espírito de amor compassivo que, segundo a compreensão da religião judaica, é constitutivo da própria essência divina.

Mc 6.34b mostra o motivo pelo qual Jesus ficou tomado de compaixão pela grande multidão: “*pois estavam como ovelhas sem pastor*”. Aqui se expressa uma profunda e severa crítica político-religiosa que Jesus resgata de sua própria tradição religiosa, especificamente das Sagradas Escrituras¹⁸. Vejamos:

* Josué será recolhido por Deus sucessor de Moisés “para que a comunidade do Senhor não seja como um rebanho sem pastor” (Nm 27.17).

* Ezequiel denuncia os líderes do povo que “se alimentam de leite, se vestem de lã e sacrificam as ovelhas mais gordas, mas não apascentam o rebanho”. Desse modo, “por falta de pastor, elas se dispersaram” (Ez 34.3-4).

* Ao lamentar o desgarramento em que anda o povo por causa da falsa liderança, Zacarias afirma: “Partiram como ovelhas que sofrem porque não têm pastor” (Zc 10.2).

* Jeremias também emprega a expressão “pastor” para designar os líderes e, particularmente, o rei (cf. Jr 2.8; 10.21; 23.1-2).

* A partir desse contexto preciso, é bastante significativo para o nosso caso o texto de 1Rs 22 (paralelo com 2Cr 18): o profeta Miqueias, filho de Jemla, denuncia o comportamento e os projetos do rei Acaba com estas palavras: “Eu vi todo o Israel disperso pelas montanhas como um rebanho sem pastor” (1Rs 22.17).

A partir desse elenco de passagens pertencentes à herança religiosa de Jesus, podemos aferir que a figura do “pastor” que se omite em cuidar do rebanho e, portanto, que também não quer assumir responsabilidades é aqui utilizada como metáfora para criticar a liderança político-religiosa da Palestina. Esse descompromisso com a “grande multidão” por parte de quem, por obrigação, tinha a responsabilidade de cuidar causa em Jesus um sentimento que mexe com suas entranhas físicas (compaixão), atrelado a uma profunda indignação ética com a classe dirigente.

A missão objetiva de Jesus junto à “grande multidão”

“E começou a ensinar-lhes muitas coisas” (Mc 6.34c). Jesus assume para si o compromisso de cuidar do rebanho. Imediatamente “começou a ensinar-lhes muitas coisas [...]”. O conectivo “e” dá esse tom de imediato. Tudo parece ser urgentemente necessário. De maneira não dita, também está sugerido que a comunidade na qual

¹⁸ SOARES, Sebastião A. Gameleira; CORREIA, João Luiz, Jr.; OLIVA, José Raimundo. *Comentário do Evangelho de Marcos*. São Paulo: Fonte Editorial, 2012. p. 261. (Coleção Comentário Bíblico Latino-Americano – Novo Testamento). Veja também artigo de RICHTER REIMER, Ivoni. Misericórdia quero! Uma ética do cuidado a partir das entranhas. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, 2012 (no prelo).

o texto se originou já compreendia Jesus como o “bom pastor” que cuida, ensina e orienta.

Para a análise e interpretação é relevante observar que o verbo utilizado é *didáskein* e indica algo em processo: “começou a ensinar-lhes”. Na primeira parte de Marcos (1-8), na qual está localizado o versículo em análise, além da apresentação de Jesus como proclamador do Reino de Deus, cujo poder é capaz de curar as pessoas de suas mazelas físicas e mentais, Jesus também aparece ensinando como um “mestre”.

Numa parte da tradição de Jesus preservada especialmente em Marcos e João, Jesus (como João Batista) é citado como *rabi* (Mc 9.5; 11.21; 14.45; Jo 1.38,49; 3.2; 4.31; 6.25; 9.2; 11.8; Mt 23.7s; 26.25,49) e *rabbuni* (Mc 10.51; Jo 20.16). As fontes cristãs iniciais, que remontam a um período anterior ao ano 70, atestam que *rabi* era o equivalente aramaico de *didaskalos* (“mestre”: Jo 1.38; 3.2; Mt 23.8). Assim como João Batista e Jesus, também escribas e fariseus, responsáveis pela interpretação da lei mosaica, levavam este título *rabi* (Mt 23.2,7). Mt 23.8 (cf. 13.52) informa que também havia mestres judeu-cristãos que reivindicavam esse título.

Uma avaliação histórico-social de registros cristãos mostra que o movimento rabínico, para muito além de seu início no século I, constituía uma rede de círculos de eruditos com convicções heterogêneas e sem ritos fixos de aceitação e exclusão. Assim, quando os textos evangélicos relatam que Jesus, como ex-aluno do *rabi* João, ao discutir com outros escribas, reunir alunos à sua volta, ensinar no culto das sinagogas e responder a perguntas teológicas, correspondia às noções próprias de um *rabi* de sua época.¹⁹

Em Mc 6.34c não é explicitado o ensinamento que é dado à grande multidão. Contudo, na continuidade da narrativa, fica claro que o mesmo transforma-se em exercício prático para todos, sobretudo para seus discípulos e discípulas: a partilha dos bens por meio da organização do povo (6.39-41). Podemos interpretá-lo também como num grande banquete escatológico: na importância da organização e da partilha, o clímax aponta para aquilo que está no fim da narrativa, ou seja, a grande multidão se alimenta fartamente (“ficaram saciados”), e ainda há sobras abundantes (“doze cestos cheios de pães e de peixes”: 6.42-43). Aqui há uma “abertura hermenêutica” ou reserva de sentido frutífera, no sentido de indicar para a possibilidade interpretativa de que todas as pessoas do povo de Israel poderão saciar-se fartamente. Nesse sentido, é importante observar que, no segundo relato da multiplicação/partilha em Mc 8, a sobra é de “sete cestos”, indicando para os povos de origem não judaica: o mundo todo será saciado! Sem dúvida, aqui o Evangelho de Marcos transmite a sensação de que, por meio de Jesus, é possível viver plenamente a experiência do Reino de Deus no aqui e agora da realidade humana.

Com essa abordagem analítico-hermenêutica, compreendemos que o texto de Marcos elabora a ideia de que os ensinamentos do mestre Jesus têm implicações práticas na sociedade. De fato, em Mc 6.34, Jesus não só está empenhado em fazer algo

¹⁹ THEISSEN, Gerd; MERZ, Annette. *O Jesus histórico: um manual*. Tradução Milton Camargo Mota e Paulo Nogueira. São Paulo: Loyola, 2002. p. 381-382.

concreto em prol da grande multidão, por meio do que ensina à grande multidão, como também se ocupa em envolver seus discípulos e discípulas que não estavam querendo assumir responsabilidade (Mc 6.35-36). Jesus, como um mestre de práticas éticas, primeiramente insiste para que seus discípulos se ocupem com o problema imediato da multidão, que é a fome: “Dai-lhes vós mesmos de comer” (6.37); tendo colocado seu grupo em movimento, ensina passos concretos para que a superação da fome se realize: a partilha do que se tem e a *diaconia*, o serviço da vida em prol da organização da grande multidão (5.39-40).

Podemos perceber quão rico e significativo é esse versículo do Evangelho de Marcos no próprio evangelho e naquilo que ele sinaliza e reivindica. Com ele, remodela-se a lógica vigente na sociedade que se baseia, ontem e hoje, em lógicas econômicas de mercado, por meio das quais cada indivíduo se vira para sobreviver com o que puder comprar... Em Marcos, Jesus ensina outra lógica possível e viável, urgentemente necessária, com base naquilo que ele entende ser a vontade de Deus: organização das pessoas e partilha dos recursos e vitais recursos que se tem.

Desse modo, Jesus assume e realiza a missão de mestre de sabedoria prática, tão própria de Israel, que age exemplarmente e instiga seus discípulos e discípulas a fazer o mesmo, interferindo nas dinâmicas ideológicas sociais, econômicas e culturais. Instaura-se, também assim, um novo tempo e criam-se novos outros espaços de articulação e exercício de “outro mundo possível”, que podem ser interpretados em chave escatológica. Ou seja, dentro de um contexto específico contrário ao Reino de Deus, caracterizado pelo sistema do Império Romano e seus aliados na Palestina, cujo interesse é a centralização das riquezas nas mãos de poucas famílias, causando empobrecimento crescente, fome e violência para a grande multidão, elabora-se e se experimenta outra ética: a ética do Reino, cujo Senhor é Deus compassivo e misericordioso, a qual se concretiza, aqui, na partilha dos bens por meio da organização de quem sofre no corpo as consequências da marginalização e da exclusão. Essa experiência vivida por Jesus e seu grupo é interpretada no texto de Marcos como uma grande notícia, verdadeira boa-nova, para quem necessita e anseia por mudanças urgentemente viáveis.

Considerações finais

Sem a pretensão de esgotar o assunto, essa análise de Mc 6.34 suscita algumas considerações pertinentes à responsabilidade social das igrejas cristãs. Ressaltemos algumas...

Primeira consideração: ver a realidade das multidões excluídas.

Os desafios sociais estão aí, não só para serem olhados à distância (pelos meios de comunicação social), mas para serem vistos em profundidade, estudados em suas causas históricas e em seus efeitos sociais que, por sua vez, causam os problemas tão conhecidos por nós, tais como o da violência generalizada.

Hoje, volta-se a atenção para “a grande multidão” constituída pelas massas excluídas, os empobrecidos sociais, não só como objeto de estudo, mas, sobretudo, como opção por sua causa, que, no fundo, determinará a nossa realização humana. Não pode haver humanidade, no sentido pleno da palavra, enquanto milhões de seres humanos são literalmente dizimados. Urge, portanto, uma inserção nessa causa, que é de todos nós.

Segunda consideração: superar a impotência em meio às exigências éticas de compromisso solidário.

Diante do caos social de milhões de pessoas excluídas da vida com dignidade, o primeiro sentimento que nos envolve é o de profunda impotência. Que fazer? Como ajudar?

Os desafios são tantos, que logo tentamos nos esquivar, jogando a culpa no governo ou fingindo que, diante de tal situação, nada podemos fazer. O versículo de Marcos 6.34 interpela para que o discipulado de Jesus se comprometa em ajudar de alguma forma. Hoje, diríamos que, a partir da nossa fé em Jesus, temos o dever de superar o sentimento de impotência por meio de uma atuação organizada, articulada com as diversas forças do movimento social, inserida na luta por melhorias na qualidade de vida para toda a sociedade.

É urgente, portanto, que as igrejas cristãs, em sua ação pastoral, tenham como ponto de partida uma leitura contextualizada dos sinais dos tempos, numa busca de compromisso com a realidade humana, provocadas pelos princípios éticos dos ensinamentos de Jesus, na busca da justiça social.

Terceira consideração: usar os talentos que se tem para o serviço solidário.

Jesus “começou a ensinar-lhes muitas coisas”. A narrativa sugere, por meio da atuação do próprio Jesus, algo de suma importância: utilizar os talentos que se tem para – a partir daí – prestar serviço generoso e solidário.

Agir solidariamente a partir do que é possível fazer significa colocar as aptidões, os talentos, as habilidades, generosamente a serviço das pessoas... Isso é perfeitamente possível através do voluntariado em diversas instituições eclesiais, governamentais e não governamentais.

Quarta consideração: construir uma prática comunitária.

O trabalho junto às multidões excluídas exige uma pedagogia apropriada. Há muitas formas que facilitam e orientam a atuação prática, verdadeiros métodos de trabalho. É preciso estar atento, em constante reciclagem, o que pode gerar uma prática avaliada, corrigida, reconfigurada, sempre nova.

Isso significa que é fundamental uma constante avaliação da prática, segundo os critérios apresentados nas Sagradas Escrituras. Nesse processo pedagógico, o discipulado vai aprendendo a fazer o bem, mudando de mentalidade. A lógica não é mais do sistema dominante, mas a do reinado de Deus, segundo a sua santíssima vontade, tão bem expressa desde o Primeiro Testamento, em Is 1.16-17: “Cessai de praticar

o mal, aprendei a fazer o bem! Buscai o direito, corrigi o opressor! Fazei justiça ao órfão, defendei a causa da viúva”.

Quinta e última consideração: resgatar a utopia de uma “terra sem males”.

A abundância presente no final da narrativa aberta por Mc 6.34 (6.42-44) suscita a atenção para o tema das expectativas dos tempos messiânicos, da revelação final, em que todos terão vida, e vida em plenitude (conforme Jo 10.10). É algo utópico, isto é, que ainda não se concretizou plenamente, mas que, de algum modo, já está presente nos anseios mais profundos e nas pequenas ações cotidianas que viabilizam esses sonhos humanitários.

A utopia do reinado de Deus que animou Jesus é, desse modo, um projeto de vida que leva a uma profunda consciência dos problemas da humanidade. Recorde-mos, aqui, homens e mulheres que, animados pela prática de Jesus, realizaram ações organizadas em prol da justiça social.

Desse modo, comprometer-se em agir em prol dos direitos humanos, contra todo tipo de discriminação e exclusão, é dever de cidadania, é responsabilizar-se socialmente. O compromisso com as pessoas empobrecidas resgata, na prática, a utopia e a prática de Jesus.

Referências bibliográficas

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. Tradução Alfredo Bosi. São Paulo: Mestre Jou, 1970.
- ALAND, Kurt et al. (Eds.). *The Greek New Testament*. 30. ed. Stuttgart: United Bible Societies, 1990.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM – Nova edição revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002. (Coord.: Gilberto da Silva Gorgulho; Ivo Storniolo; Ana Flora Anderson).
- MALONEY, Elliott C. *Mensagem urgente de Jesus para hoje: o Reino de Deus no Evangelho de Marcos*. Tradução Barbara Theoto Lambert. São Paulo: Paulinas, 2008.
- MARGUERAT, Daniel; BOURQUIN, Yvan. *Para ler as narrativas bíblicas: iniciação à análise narrativa*. São Paulo: Loyola, 2009.
- MEIER, John P. *Um judeu marginal: repensando o Jesus Histórico*. Tradução Laura Rumchinsky. Rio de Janeiro: Imago, 2003. v. 3, livro 1.
- NOLAN, Albert. *Jesus antes do cristianismo*. São Paulo: Paulinas, 1988.
- NOVO TESTAMENTO INTERLINEAR GRECO PORTUGUÊS. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2004.
- REIMER, Haroldo; RICHTER REIMER, Ivoni. *Tempos de graça. O Jubileu e os jubileares na Bíblia*. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulus, 1999.
- RICHTER REIMER, Ivoni. *Compaixão, cruz e esperança: Teologia de Marcos*. São Paulo: Paulinas, 2012.
- _____. *Milagre das Mãos: curas e exorcismos de Jesus em seu contexto histórico-cultural*. São Leopoldo: Oikos; Goiânia: UCG, 2008.
- _____. (Org.). *Economia no Mundo Bíblico*. Enfoques sociais, históricos e teológicos. São Leopoldo: Sinodal; CEBI, 2006.

RICHTER REIMER, Ivoni. Misericórdia quero! Uma ética do cuidado a partir das entranhas. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, 2012. (no prelo).

SOARES, Sebastião A. Gameleira; CORREIA, João Luiz, Jr.; OLIVA, José Raimundo. *Comentário do Evangelho de Marcos*. São Paulo: Fonte Editorial. p. 261. (Coleção Comentário Bíblico Latino-Americano – Novo Testamento).

STEGEMANN, Ekkehard W.; STEGEMANN, Wolfgang. *História social do protocristianismo: os primórdios no judaísmo e as comunidades de Cristo no mundo mediterrâneo*. Tradução Nélcio Schneider. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulus, 2004.

THEISSEN, Gerd; MERZ, Annette. *O Jesus histórico: um manual*. Tradução Milton Camargo Mota e Paulo Nogueira. São Paulo: Loyola, 2002.